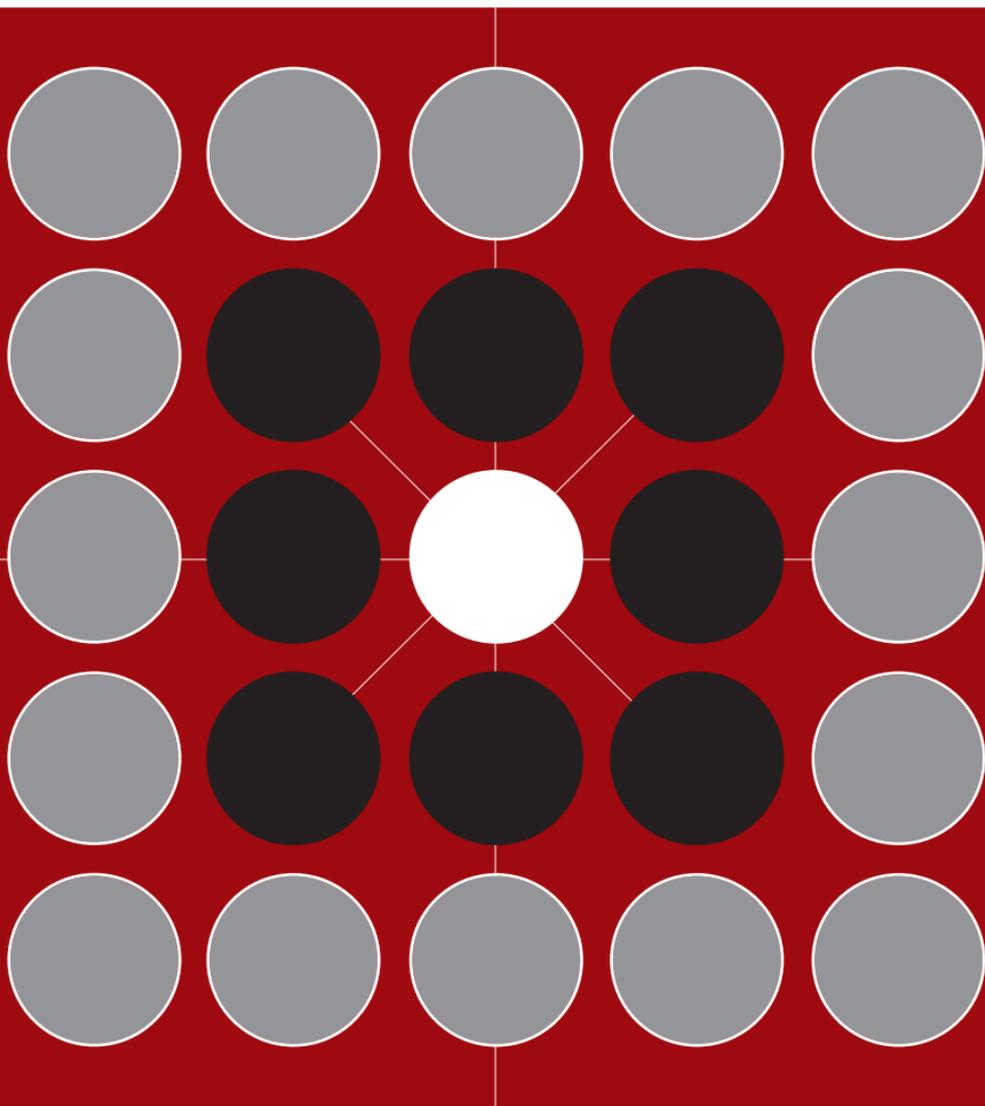


AFRICANISMO E ESPIRITISMO



DEOLINDO AMORIM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ÍNDICE

Preâmbulo	2
Notas Relativas à 1ª edição	7
Capítulo I	16
Capítulo II	26
Capítulo III	38

PREÂMBULO

É com intensa satisfação que, acedendo ao convite de Deolindo Amorim, vamos tentar dizer alguma coisa, à guisa de prefácio, sobre o seu interessante e elucidativo trabalho — *Africanismo e Espiritismo* —, vindo à luz da publicidade na revista "Estudos Psíquicos", de Lisboa, e ora compaginado, em opúsculo, pela "Gráfica Mundo Espírita S.A.", num louvável esforço de vulgarização doutrinária e cultural.

Jornalista ilustrado e estudioso, de atitudes sinceras e honestas a toda a prova, Deolindo Amorim, além de membro da Sociedade Brasileira de Filosofia, de diretor da Liga Espírita do Brasil etc. é um adepto capacitado de sua missão social, um escritor a serviço de uma ideologia alevantada, que se vem destacando, dentre os propagandistas em voga, pela sua dinâmica atividade nos domínios do Espiritismo. Quando falamos em Espiritismo, saibam os leitores que nos referimos à codificação científica, filosófica e moral, de Allan Kardec (1), - a única com o privilégio de ostentar semelhante título! - que o mestre expôs numa série de obras notáveis, editoradas na França, no período de 1857 a 1869, e não a esse conglomerado de pajelança e de rituais espalhafatosos, onde preponderam o fetichismo dos selvagens e as aberrações do mediunismo abastardado; em suma - ao carnaval de Umbanda, difundido e praticado por aí em fora, sob o rótulo daquela luminosa esquematização espiritualista.

(1) *Le Livre des Esprits*, 14^a édition, 1866 - Conclusion, paragraphe VII, pages 459/60.

É com intensa satisfação - repetimos - que traçamos algumas frases iniciais às páginas desta monografia redigida com a mira essencial de orientar as massas populares; páginas merecedoras de nossos aplausos, porque, além de se conterem nelas ensinamentos substanciosos, vazados numa forma simples e meridianamente clara, embora circunscritos aos aspectos histórico e psicológico do problema, não deixam de ser a ressonância de nossa campanha profilática pela "Vanguarda" (2), quando, há tempos, apontamos as deturpações do Espiritismo e o achincalhe de seu nome pelos acólitos da mitologia, da idolatria e dos "orixás" africanos; páginas, enfim, de protesto de uma inteligência esclarecida, inacessível aos caprichos da falsa tolerância e das transigências inconfessáveis, contra o imperdoável erro de pretenderem identificar o Kardecismo - a escola mais perfeita e completa surgida no seio do movimento Neo-espiritualista! - com as religiões primitivas do Continente Negro, trazidas para a América, ao tempo da escravatura, e, aqui, desfiguradas por infiltrações de várias procedências. Campanha, aliás, inspirada nestes sábios conselhos do eminente Codificador:

"... A doutrina não é ambígua em nenhuma de suas partes; é clara, precisa, categórica nas suas menores particularidades; somente a ignorância e a má fé é que podem equivocar-se a respeito do que ela aprova ou condena. É, pois, o dever de todos os espíritas sinceros e dedicados repudiar e condenar francamente, em seu nome, toda a casta de abusos que poderiam comprometê-la, a fim de não ser responsabilizada pelos mesmos; porque transigir com

(2) Escrevemos sobre o assunto os seguintes artigos: - *Umbandismo não é Espiritismo* - *O Espiritismo e suas contrafações* - *No Umbandismo nem a forma é aproveitável* - *Confusos e confusões* - *Reação salutar!* - *Retificando.*

os abusos seria acumpliciar-se com eles e fornecer armas aos nossos adversários." (3)

Por causa disso, alguns pândegos, simpáticos ao "Umbandismo", vieram para a imprensa acusar-nos de intolerantes e derrotistas...

* * *

Vem muito a propósito e é de indiscutível merecimento esta publicação, na atualidade; porquanto, se é natural e desculpável não serem entendidas dos profanos as teorias da ciência espiritista, o mesmo se não dá com os prosélitos conscienciosos e os divulgadores, em geral, a quem compete conhecê-las ex-professo e transmiti-las ao vulgo extreme de impurezas, isto é, como se encontram expostas com nitidez nos códigos basilares. - Entretanto, que é que se nos depara, na hora presente? - Indivíduos ignorantes e sem credenciais estão a pontificar nos núcleos de estudo e de experimentação, fornecendo aos inimigos sistemáticos da Causa aquelas armas aludidas por Kardec e lançando ao ridículo e ao descrédito uma filosofia destinada a exercer preponderante influência no aprimoramento moral e intelectual da humanidade.

Por isso mesmo, os centros desceram tão baixo no conceito das autoridades da capital da República que até o seu registro se processava na Seção de Tóxicos e Mistificações da Polícia Central. Espiritistas de valor e os "macumbeiros" eram, destarte, fichados em promiscuidade e nivelados, por igual, na ignomínia e no menosprezo!

Avolumou-se a confusão e seus efeitos bem palpáveis se fizeram notar tanto nos meios humildes quanto nas altas esfe-

(3) *Revue Spirite*, de 1865, pág. 191 - "Nouvelle tactique des adversaires du Spiritisme".

ras, a ponto de certa instituição tradicional, que se erigiu em orientadora do movimento em nossa pátria, ao invés de alertar o público contra a investida dos exploradores e de zelar pela intangibilidade do patrimônio doutrinário, teve a inadvertência de incluir ao lado de seu quadro de sociedades adesas um outro complementar, no qual, sob a rubrica de "coligadas", mandou incorporar os "canzois" umbandistas, disfarçados em agremiações espíritas, com seu acervo de insanidades e crenças, tudo isso - diziam os sectários para se justificar - objetivando o escopo de converter tal gente a idéias mais sensatas e fazê-la abandonar os sistemas extravagantes de que se utiliza, hoje em dia, na prática da caridade mediúnica, baseados em velhas e ridículas superstições.

Com esse processo sui-generis de aplinar divergências ou, diremos melhor, de misturar alhos com bugalhos, os doutores não lograram senão infundir maior vitalidade aos "canjerês" dos discípulos de Pai João - o apóstolo da Magia Negra! e de oficializar, sob disfarces ardilosos, os "terreiros", as cabanas e as tendas fetichistas com seus batalhões de espíritos atra-sadíssimos - indígenas e africanos -, que tantos e tamanhos estragos têm causado ao progresso de nossos ideais, no Rio de Janeiro e noutros pontos do Brasil.

É preciso desconhecer a lamentável crise psicológica ou de fascinação obsessional em que se debatem os "pais de santo" e seus fanáticos para se levar a sério tão absurda iniciativa. Triste e dolorosa verdade é esta, não há dúvida!

"Mas... não será possível distinguir-se - perguntarão os leitores curiosos - o Espiritismo dessas seitas afro-católicas, ressaltando, numa fórmula simplista e ao alcance de qualquer criatura alfabetizada, suas dessemelhanças e oceânicas incom-

patibilidades?" – É a coisa mais fácil deste mundo! – Basta consultarem a kardeciana; e esta lhes fornecerá a noção exata e lhes dirá que só se iludem a respeito e ainda alimentam dúvidas as pessoas que se não deram ao trabalho de estudá-la ou aquelas que, de propósito feito ou por tendências mórbidas e ancestrais, se quedam satisfeitas e refocilam nas camadas tenebrosas do baixo psiquismo...

Afinal, o trabalho, que os leitores vão saborear adiante, recomenda-se por si mesmo, dispensa as turiferações encomiásticas e logrará, sem dúvida, abrir os olhos aos cegos e iluminar cérebros anoitecidos, sem pretensões e sem dogmatismo.

Congratulamo-nos com o autor pelo grande serviço prestado às letras espiritistas com o seu *Africanismo e Espiritismo* e fazemos votos para que este estudo analítico venha a produzir o máximo de resultados benéficos como a semente da parábola evangélica caída em terra fecunda.

Oxalá que os transviados por falsos profetas encontrem a pista do verdadeiro conhecimento espiritual; que os bifrontes se mirem neste espelho e avaliem ás graves conseqüências de sua atitude repulsiva; e que os corifeus, aparelhados de cultura e de boa vontade, colaborem também com Deolindo Amorim, no seu tentame providencial de expungir o joio e o escal-racho, que mãos criminosas introduziram na seara; mãos habilmente dirigidas pelos adversários invisíveis da doutrina impoluta e salvadora!

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1946.

Lippmann Tesch de Olivér

NOTAS RELATIVAS À 1ª EDIÇÃO

Comentários da Imprensa Espírita

"Cremos que é a primeira obra de fôlego acerca de assunto mil vezes debatido pela rama. Quando se quiser estudar a influência que as práticas afro-católicas têm, no Brasil, exercido em certos ramos de pseudo espiritismo, será indispensável a consulta deste livro profundamente elucidativo."

***Estudos Psíquicos*, de Lisboa, junho de 1947**

"Com efeito ali o autor se afirmou o escritor consciencioso e profundo, descendo ao âmago do tema e esmerilhando-o com argúcia, até provar à saciedade e à luz de vigoroso raciocínio, a diferença entre as práticas espíritas e as cerimônias afro-católicas dos terreiros de umbanda, ainda que se notem, aí, certas manifestações de entidades espirituais."

***Luz da Verdade*, de Salvador, Bahia, jan/abril de 1947**

"Não é possível a simbiose entre elementos heterogêneos que se não combinam. O opúsculo, pequenino embora, deve ser manuseado pelos estudiosos da doutrina espírita, para alumiar consciências indecisas, desanuviando a caligem do fanatismo e da superstição."

***O Luzeiro*, de Aracaju, Sergipe, março de 1947**

Apreciações de Críticos

Do Cel. Delfino Ferreira:

Trata-se de um estudo consciencioso e oportuno, feito para a esplêndida revista lisbonense *Estudos Psíquicos*, que o publicou em três de seus números: março, agosto e outubro de 1946, encarecendo-lbe, aliás com justiça, a importância do tema e da forma precisa e clara de seu desenvolvimento."

Registro Bibliográfico, *Mundo Espírita*, 8/3/1947

Espiritismo e Africanismo vem pôr os pontos nos ii, definindo, de vez, ou melhor, distinguindo espiritismo de tudo o mais quanto, de boa ou má fé, por af se pratica sob a mesma designação.

Com todos estes predicados só se pode apresentar notável, e, daf, *Espiritismo e Africanismo* ser o que a crítica, em geral, vem reconhecendo: um trabalho de estudo, verdade e justiça.

***Revista Espírita do Brasil*, abril de 1947**

Do Dr. Carlos Imbassahy:

"O autor demonstra que nem sempre o fato de existir fenômeno espírita significa que haja espiritismo. E em boa hora no-lo diz e prova. De fato, o espiritismo é uma doutrina do bem e para o bem, e nem sempre as práticas de feitiçaria colimam aquele objetivo. A pequena obra de Deolindo Amorim tem, pois o incalculável mérito de abrir os olhos de uns e fechar a boca de outros. É ela prefaciada por Lippmann Tesch de Olivér, uma ótima pena a serviço da doutrina."

***Mundo Espírita*, 19 de abril de 1947**

Do Senhor Ramos Pereira:

"Estudo consciencioso, revela o critério seguro de um pensador

que luta arduamente contra aqueles que acintosa ou inconscientemente procuram levar a confusão ao caminho claro da Verdade.

Mediunismo pratica-se na grande maioria das religiões e dos cultos selvagens, exatamente porque... a mediunidade é um fenômeno universal (digamos com o Sr. de La Pelisse...). Mas disso inferir uma identidade de essência é um ilogismo."

Estudos Psíquicos, de Lisboa, agosto de 1947

Do Prof. Leopoldo Machado:

"Os três artigos magistras, que todos os leitores de "Estudos Psíquicos" leram desvanecidos, apareceram, agora, transformados em capítulos, corporificando um opúsculo que a "Gráfica Mundo Espírita" acaba de editar. Edição que, para nós, só pode dignificar a editora, pela oportunidade do assunto, pela justeza com que o assunto é tratado. O opúsculo traz, ainda a aumentar-lhe o grande mérito, um preâmbulo de Lippman Tesh de Olivér, que é, por sua vez, um estudo forte, incisivo, desabusado mesmo."

Revista Internacional do Espiritismo, julho de 1947

Opiniões Individuais

"O seu trabalho, que é muito interessante, demonstra de maneira clara e convincente a nenhuma relação que existe entre o Africanismo e o Espiritismo, ou seja entre o ritual de Umbanda e a prática da Doutrina Espírita."

José Fernandes de Souza, *Mundo Espírita*, 8/3/1948

"Não há meios termos. A ignorância é que supõe colocar remendo novo em pano velho, conquanto a sabedoria diga que "odres velhos não suportam vinho novo". Só um caminho se tem a seguir; é acabar com o passado e seguir o presente para chegar ao futuro. Quem quiser, poderá continuar com o africanismo, com o catolicis-

mo, com o protestantismo, com o mosaísmo, com o budismo, com o cabalismo; todavia ninguém poderá confundir qualquer dessas religiões com o espiritismo.

Deolindo Amorim é claro em suas conclusões e suas conclusões são lógicas e positivas."

J. Lima, *Revista Espírita do Brasil*, abril de 1947

"Não negando haver manifestações de espíritos nas práticas africanistas, antes explicando a razão lógica das mesmas e sua origem remotíssima, atrai a simpatia daqueles crentes, deixando aos negadores sistemáticos e aos escritores desavisados, uma lição de mestre, assim como estabelece uma linha divisória bem definida, entre o espiritismo propriamente dito e as religiões fetichistas, trazidas pelo elemento africano e aqui mescladas com o catolicismo, com as religiões dos aborígenes e até mesmo com as práticas espíritas, baseadas na comunicabilidade dos chamados mortos."

Hersila Valverde, *Revista Espírita do Brasil*, maio de 1947

Africanismo e Espiritismo, três artigos, é um opúsculo manancial de assuntos, celeiro de argumentos benéficos para aquele que de-sejar conclusões de fatos ainda não perfeitamente explicados.

Um livro não é a espessura dum catálogo de telefones. O que externamente é fachada deslumbrante, quando muito, poderá ser simples frasco de perfume completamente vazio.

A minudência, o laconismo oriundo do estudo filosófico, são leituras que não se medem pelo tamanho e sim pelo papel que desempenham, no edificante mister de aniquilar leituras deturpadoras dos sãos princípios."

Enéas Dourado, *Mundo Espírita*, 10 de maio de 1947

"Nesse trabalho, o nosso irmão provou cabalmente, com argumentos irrefutáveis, que não há absolutamente semelhança nem traço algum de afinidade fundamental entre espiritismo e africanismo, dizendo mais, que o Espiritismo - corpo de doutrina codificado por Allan Kardec - surgiu, oficialmente, no mundo em 1857, com o lançamento de *O Livro dos Espíritos*; e que, quando esta e outras obras

espíritas chegaram ao Brasil, já o *africanismo* aqui se achava generalizado, muito especialmente na Bahia.

Ademais, até o próprio termo - Espiritismo - foi uma criação do Codificador, doutrina que tem por princípio as relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível, tal seja a alma dos homens que já viveram na Terra."

J. B. Chagas, *Mundo Espírita*, 3/5/1947

"Li vosso livrinho de uma só vez, e com a máxima atenção, as cinqüenta e oito páginas, nas quais o confrade defende a nossa doutrina, sem ferir ou menosprezar aqueles que por ignorância ou má fé, querem deturpá-la."

Constantino Gomes de Carvalho, *Mundo Espírita*, 15/3/1947

"Já agora não é mais possível baralhar o incipiente mediunismo de certas encenações de "terreiro" com as práticas espíritas propriamente ditas. *Africanismo e Espiritismo*, o oportuníssimo livro de Deolindo Amorim, a que estou aludindo, elucida a tese de tal maneira que, após a leitura das páginas em que ela está explanada, todo o mundo sentirá uma intensa admiração pelo autor. Aliás, não só devemos admirá-lo e aplaudi-lo, também, por essa contribuição magnífica da sua cultura, senão por toda a sua atividade, incansável e eficiente, na imprensa e nos centros, onde o seu nome se impôs como um espírita dos mais eruditos que possui o Brasil presentemente. A sua pena não faz literatices, não se desgasta em futilidades. Os temas abordados, objetos de sua acurada análise, têm sempre um sabor de ineditismo e adquirem mais originalidade graças àquele jeito particular que tem Deolindo Amorim de concatenar as idéias e formular o raciocínio."

Alfredo Miguel, autor do livro *As Heroínas de Hydesville*, diretor de *A Luz da Verdade* de Salvador-BA, *Mundo Espírita*, 3/4/1947

De Uma Carta de João Carlos de Assis:

"Espiritismo, diz você, muito bem, é doutrina e não fenômeno,

e como tal só teve vida com o grande Kardec. Antes dele existiam apenas os fenômenos, aos quais muitos se agarram para poderem sofismar que o espiritismo, doutrina, sempre existiu, e assim diminuir o mérito do excelso Mestre que você, agora, com o seu esclarecedor trabalho, veio colocar no verdadeiro pedestal.

Estou convencido de que o espiritismo do povo, na nossa terra, será por muitos e muitos anos essa mistura de espiritismo, catolicismo e africanismo, que observamos atualmente.

Depois do seu *Africanismo e Espiritismo*, creio, ninguém se atreverá a vir pela imprensa fazer tal confusão, visto que o Amigo botou os pontos nos ii de tal maneira que só terá coragem quem não tenha lido seu elucidativo trabalho, ou quem não ligue importância à lógica dos argumentos, e faça questão de vir repetindo sempre as mesmas tolices e argumentos sedícios, como acontece com os partidários de determinada teoria."

***Mundo Espírita*, 19/4/1947**

Juízo Crítico Estranho ao Espiritismo

"Aqui mesmo, em vários ensejos, escrevemos que a "macumba", atualmente constitui mistura de africanismo, catolicismo e espiritismo. Tratando-se (como se trata) de religião mais ou menos analfabética, as semelhanças e analogias são pouco exatas. A verdade, porém, é que as cerimônias religiosas, importadas com os pretos escravos, sofreram deformações, que os contágios da catequese cristã e da propaganda clerical provocaram. Em princípio os "pais de santo" e outras personagens dos "terreiros" acreditam na presença dos mortos, nas influências sobrenaturais dos santos, em Jesus Cristo e também na proteção de gênios estranhos à fé católica.

A liturgia das "macumbas" não passa de uma deturpação da liturgia católica, onde os pretos africanos (vindos para cá) misturavam e confundiam tudo, empregando vocábulos de prosódia arbitrária e melopéias rudimentares, cujos ritmos não se afastam nunca do tã-tã monótono. Euclides da Cunha, ao cabo de devassas e observações, conclui que as crenças dos sertanejos são (como eles próprios) mesti-

ças. Apenas o conceito poderá ser ampliado e aplicado aos mestres e diretores das "macumbas".

Deolindo Amorim escreveu ensaio ótimo. A nosso ver, porém, ele provou demais... Discute longamente as origens do africanismo, colocando-se em pontos de vista eruditos, quicá clínicos, conforme fez Artur Ramos, para concluir assim: "As práticas de origem africana, largamente ramificadas, são espiritualistas, dignas de respeito como quaisquer outras práticas religiosas, mas não constituem variantes das práticas do espiritismo". Ninguém sustentaria o contrário com justos motivos. Mas, é indiscutível que, em princípio, as cerimônias africanistas partem dos mesmos pontos de apoio, isto é, da mesma convicção, acerca da possibilidade da presença de agentes invisíveis (espíritos) influenciando na vida, na conduta e na saúde das pessoas visíveis.

Deolindo Amorim foge às vulgaridades e procura mostrar que Allan Kardec partiu duma doutrina filosófica. Por isso, sem dúvida, *Africanismo e Espiritismo* (Edições Mundo Espírita, Rio) não se detém nos meandros das discórdias frívolas e tudo fez para erguer a discussão de maneira formal, com clareza, quando, por exemplo, escreve: "O culto afro-católico tem ritual, e ritual muito variado; adora símbolos e imagens, venera divindades. O espiritismo não tem ritual nem imagens, assim como não rende culto a divindades, visto que suas práticas são simples, absolutamente simples, tendo a preocupação exclusiva de melhorar as condições espirituais da criatura humana e solidificar no espírito dos seus adeptos a crença em Deus, baseada em princípios morais e filosóficos". Como se verifica, Deolindo Amorim evita sempre as argumentações sectárias.

O espiritismo não explora a morte, a exemplo do catolicismo. Encara-a com serenidade e lucidez. "Tem o espiritismo, porventura, alguma cerimônia para enterrar os seus defuntos? Não." Conjeturando desse modo, Deolindo Amorim explica os propósitos das doutrinas de Allan Kardec, pois estas não se confundem, de modo algum, com as deformações e falsos pressupostos hoje em dia correntes.

Os cultos de origem africana são fetichistas, afirma Deolindo Amorim. Por que não idólatras? As religiões, em regra, exploram a idolatria porque o comum dos homens estima a materialização. Das conclusões que mandam nivelar as religiões, sempre que estas reclamam análise realista... Todas elas se apoiam nos mistérios, que inquietam os homens diante da morte.

Os fenômenos sobrenaturais constituem o fulcro das doutrinas que procuram envolver os homens e conquistá-los para os esforços estéreis duma solidariedade, que manda armar povos a fim de explorá-los, comodamente, pelo terror.

Eloy Pontes

O Globo, Rio de Janeiro, 19/3/1947

NOTA. Eloy Pontes, crítico literário de "O Globo", não aceita o Espiritismo nem é filiado a religião alguma.

Carta do Escritor Afonso Costa:

Rio, 6 de março de 1947.

Deolindo Amorim:

Depois de ler o sugestivo opúsculo *Africanismo e Espiritismo*, de que sua magnífica bondade me ofereceu um exemplar, me ficou a convicção de que, de ora em diante, nenhuma autoridade judiciária e nenhum sábio jurista deixarão de citar o seu livro sempre que preciso distinguir as práticas africanas e as sessões espiritistas. Eu bem sabia de seus conhecimentos da doutrina codificada por Allan Kardec e, mais ainda, sabia do seu fino gosto na arte de escrever, tantas vezes demonstrado, mas de certo não esperava que você tivesse, em caso tal, essa vital força de argumentação apresentada, ou força de convencimento, se eu, nesta parte, não fosse de receptividade imunizada, talvez pela contumácia da incredulidade de tudo.

Com um abraço espiritual do seu

Afonso Costa

Mundo Espírita, 15/3/1947

NOTA. O escritor Afonso Costa, que também não aceita o espiritismo, preferindo ficar à margem de qualquer discussão religiosa, é membro da Academia de Letras da Bahia, pertence ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e foi, por muito tempo, presidente da Academia Carioca de Letras. Espírito muito tolerante em matéria religiosa, tanto respeita a crença espírita como qualquer outra crença, do que deu provas cabais quando na presidência da Academia.

NOTA EXPLICATIVA (1ª edição)

A matéria deste pequeno trabalho foi publicada em três artigos, sob o título *Africanismo e Espiritismo*, na revista *Estudos Psíquicos*, de Lisboa (números de março, agosto e outubro de 1946) no desempenho do encargo de redator-correspondente da referida revista.

Confesso-me agradecido ao confrade Isidoro Duarte Santos, que é, além de infatigável diretor daquele excelente órgão doutrinário, uma das mais fortes e brilhantes expressões culturais do movimento espírita português, pela honrosa distinção que dispensou aos artigos ora reunidos neste volume, assim como ao diretor-presidente da *Gráfica Mundo Espírita S.A.*, dr. Henrique Andrade, por haver tomado a iniciativa desta publicação.

D. A.

CAPÍTULO I

Tem-se procurado, aliás sem razão plausível, confundir o espiritismo com velhas práticas afro-católicas, enraizadas no Brasil desde o período colonial. Argumenta-se, em defesa de tal suposição, que nas práticas africanas se verificam manifestações de espíritos, o que, no entender de muitas pessoas, é suficiente para dar cunho espírita a essas práticas. O raciocínio é mais ou menos este: onde há manifestações de espíritos, há espiritismo; logo, as práticas fetichistas são também práticas espíritas, porque nelas se faz evocação de espíritos.

Eis aí uma preliminar discutível. Em primeiro lugar, o que caracteriza o ato espírita não é exclusivamente o fenômeno; em segundo lugar, o espiritismo (corpo de doutrina organizado por Allan Kardec) surgiu no mundo em 1857, e quando suas obras chegaram ao Brasil, já existia o africanismo generalizado, principalmente na Bahia.

Historicamente, como se vê, não é possível estabelecer qualquer termo de comparação, porquanto o africanismo data de época muito recuada, ao passo que a doutrina espírita é do século passado. Se, de fato, o fenômeno fosse o único elemento capaz de identificar a prática espírita, teríamos de chegar à conclusão de que espiritismo e catolicismo terminariam sendo, no fundo, a mesma coisa, porque se registram fenômenos no seio de corporações católicas. Neste caso, não haveria distinção entre catolicismo, espiritismo, africanismo etc., uma vez que a mediunidade é comum a qualquer indivíduo, podendo ser espontaneamente observada entre católicos, espíritas, maometanos etc.

Não são poucos os padres, bispos e pastores com mediunidade.

nidade positiva. Não é, portanto, pela natural ocorrência de fenômenos que se pode firmar critério para determinar o que seja realmente *espiritismo*.

Um materialista, ainda que dos mais intransigentes, está sujeito a ser médium, embora continue, por sistema, a negar a existência da alma. Então, devemos concluir: o fenômeno por si só não justifica a opinião, hoje defendida por muita gente, de que haja entre o *espiritismo* e o *africanismo* qualquer traço fundamental de afinidade.

Conquanto as religiões fetichistas, transplantadas para o Brasil com o tráfico africano, se utilizem de médiuns (há médiuns em toda parte e não apenas no meio espírita) e façam evocações de espíritos em seus terreiros e cerimônias, com o desejo de praticar o bem ou "prestar caridade", segundo expressão popular no Brasil, não se encontram, entre aquelas religiões e o *espiritismo*, traços comuns.

De comum, apenas a manifestação, o transe mediúnico, a evocação, sob forma absolutamente diferente da prática *espírita*. Ora, não sendo a manifestação de espíritos um ato privativo do *espiritismo*, porque os espíritos se manifestam em qualquer lugar, desde que disponham de médiuns, está claro que, em boa lógica, não deve ter a designação específica de prática espírita, qualquer experiência mediúnica, feita a esmo, empiricamente, sem relação com o *espiritismo*, cujos ensinamentos formam uma doutrina filosófica de "consequências religiosas", como bem disse o seu codificador Allan Kardec.

O mediunismo faz parte do *espiritismo*; mas é preciso frisar que mediunismo não é *espiritismo*. Que há mediunismo nos cultos africanos, não se discute. Mas este motivo ainda não basta. Daí poder-se apresentar a tese de que, embora tenham por base a imortalidade da alma e exercitem o mediunismo, as práticas do *africanismo*, apesar de espiritualistas, não constituem modalidade do *espiritismo*.

* * *

Toda religião tem suas formas características, seu aspecto exterior, suas fórmulas especiais. E a faculdade mediúnica, que tanto se pode encontrar no *espiritismo*, como no *catolicismo* ou no *africanismo*, não é síntese de religião alguma: é, sim, um elemento que atende às solicitações da religião e da ciência, conforme o caso.

O *africanismo* tem ritual organizado, de acordo com suas tradições seculares, fundadas na crença em divindades peculiares a seu culto, enquanto o *espiritismo* não adota ritual de espécie alguma, não tem forma de culto, nem adora divindades. É uma doutrina de base científica, propensa ao método experimental, de cogitações filosóficas muito elevadas, porque trata do destino da alma humana, preparando o homem para a prática do Bem, única estrada que conduz a **Deus**.

Nas sessões de *terreiro*, nos exorcismos, como em todos os atos religiosos, grosseiros ou não, há sempre matéria para estudo, principalmente na parte em que a fé ou a credence popular possam fornecer elementos para pesquisas de *folclore*, etnografia, etc. Mas o que se não deve confundir é sessão espírita, isto é, sessão organizada sob a orientação da doutrina espírita, com toda sessão de puro mediunismo, sem outro objetivo a não ser a curiosidade ou a satisfação de pessoas fascinadas pelo sobrenatural. Pretender que toda sessão onde se registrem fenômenos seja sessão espírita, equivale a supor que o *espiritismo* – doutrina vastíssima, sobre a qual não se disse ainda a "última palavra" – seja exclusivamente evocação de espíritos. Partindo deste ponto de vista, é que muita gente sustenta que o *africanismo* – simplesmente por ter uma parte mediúnica – é uma forma de *espiritismo*, em estado grosseiro. São distintos, essencialmente distintos.

Antes da codificação da doutrina espírita, ou seja, antes de 1857, ano em que apareceu em Paris a primeira obra espírita de Allan Kardec – *O Livro dos Espíritos* –, contendo a parte filosófica do espiritismo, já se havia radicado no Brasil

as crenças de origem africana. O comércio de escravos, isto é, o tráfico, de tão triste memória nos anais de nossa civilização, terminou precisamente na metade do século passado. Mas a transmissão da influência africana começara desde os primeiros anos da formação do Brasil. Afirma um dos nossos mais festejados historiadores que "os primeiros pretos chegaram no Brasil entre 1530 e 1540. Foram buscá-los à África, onde os apriionavam ou compravam aos diferentes chefes de tribos, capitães de barcos 'negreiros', cujo torvo comércio só terminou em 1850". (Pedro Calmon - *História da Bahia* - 1927 - pág. 34).

Embora tenha terminado oficialmente em 1850, o tráfico de escravos não terminou praticamente, apesar das complicações políticas que se sucederam, a partir daquele ano. Aliás, muito antes, em 1826, pouco depois da Independência, o Brasil firmara compromisso com a Inglaterra no sentido de se extinguir o tráfico de negros. A lei de 7 de novembro de 1831, estando o país sob a Regência, visto que Pedro I abdicara em 7 de abril desse ano, ratificou o compromisso. Diz Veiga Cabral: "Coube à Inglaterra - que havia sido a nação mais exploradora do tráfico africano - o mais brilhante papel na campanha iniciada para a extinção desse infame comércio" (*Compêndio de História do Brasil*). De fato, a questão do tráfico africano trouxe muita dificuldade aos Governos do Brasil e da Inglaterra. A questão chegou a tal ponto, que o Império Britânico decretou a chamada *Lei Aberdeen*, pela qual todos os navios brasileiros que fossem encontrados com escravos seriam presos como piratas, segundo a lei inglesa. A lei é assim chamada em alusão ao ministro inglês Aberdeen.

Estando no Poder o *Partido Conservador*, o Governo Imperial assinou a lei de 4 de setembro de 1850, extinguindo o tráfico, isto é, o transporte de escravos para o Brasil, e estabelecendo punições rigorosas para os contrabandistas. A lei de 1850 foi referendada pelo ministro da Justiça, Eusébio de Queiroz. Apesar de tudo, o tráfico negro, burlando as leis, ainda trouxe apreensões ao governo brasileiro. O governo inglês en-

tendeu de policiar os mares para que nenhum navio trouxesse escravos para o Brasil. Tal situação chegou a constituir ameaça às relações do Brasil com a Inglaterra. Antes da lei de 1888, já o governo imperial dizia perante o Parlamento, por intermédio do conselheiro Dantas, presidente do Gabinete Ministerial de 6 de junho de 1884, que a questão da escravatura no Brasil se encontrava neste pé: *nem retroceder, nem parar, nem precipitar*. (Depoimentos de Tavares de Lyra e Max Fleiuss - *História da Administração do Brasil*).

Finalmente, a *Lei do Ventre Livre* (1871) e a dos *Sexagenários* (1885) preparam caminho para a extinção total da escravidão, a 13 de maio de 1888, apagando da sociedade brasileira tão vergonhosa mancha.

Muito deve o Brasil ao braço africano, cujo suor, com sacrifício e dedicação, regou os alicerces da prosperidade econômica do país. O africano trouxe para o Brasil os elementos de sua cultura, já muito velha- àquele tempo. Deu-se logo a mesclagem cultural, mais esclarecida, atualmente, pelas investigações da sociologia. Com o tempo, porém, o culto africano começou a desfigurar-se, perdendo as suas linhas originais, em consequência da gradativa e inevitável influência do catolicismo. Fundiram-se, pois, três tipos diferentes na formação do Brasil: europeu, africano e aborígine. Entre os filhos da terra, os aborígenes, não havia uniformidade de usos e costumes, o que não deixa de refletir a forma de culto.

Desprezar a influência de tais elementos no acervo cultural do povo brasileiro seria desconhecer uma realidade histórica. Ninguém tentaria, ainda hoje, sob pretexto político, científico ou religioso, defender pretensões de pureza racial no Brasil, visto que o nosso povo é, como vários outros do Velho e do Novo Mundo, um produto heterogêneo. Oliveira Viana, em *Raça e Assimilação*, rebate críticas que lhe foram feitas

por ter defendido ponto de vista especial na questão. Citamos Oliveira Viana, tanto por se tratar de um estudioso da antropologia e da sociologia, como pela circunstância de ser um autor muito discutido em matéria racial. Neste particular não podemos fugir da observação de Euclides da Cunha: "Adstrita às influências que mutuam, em graus variáveis, três elementos étnicos, a gênese das raças mestiças no Brasil é um problema que por muito tempo ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos. Está apenas delineado." (5)

O fenômeno etnológico da mestiçagem não podia deixar de ter repercussão psíquica, tanto que a vida religiosa do Brasil, por mais que se insista em dizer que o povo brasileiro é *essencialmente* católico, não tende para a unidade, mas para o sincretismo, para a variedade.

As diferenças psicológicas e linguísticas observadas entre as principais nações ou divisões dos aborígenes – *Tupy*, *Tapuya* e *Nu-Aruak* – devem entrar na bagagem cultural dos primitivos habitantes do país.

O elemento indígena era imortalista. Tinha, porém, seus deuses, admitindo uma espécie de politeísmo grosseiro, tanto assim que confiava, à entidade sagrada, os diversos assuntos de suas atividades: caça, pesca etc. O general Couto de Magalhães, que é, sem a menor dúvida, um dos legítimos pioneiros da humanitária obra de proteção aos índios no Brasil, anotou algumas das curiosas divindades observadas nos cultos indígenas: Guaracy, sol; Cahapora, entidade que protege a caça do mato; Uanyra, protetor da "sorte dos peixes" etc.(6). (A palavra *Cahapora* de que José de Alencar também se ocupa em *Iracema* [caapora] popularizou-se no sertão da Bahia como

(5) *Os Sertões*.

(6) *O Selvagem*, Couto de Magalhães.

caipora, que quer dizer, segundo a crença dos caçadores, espírito do mato, que bate nos cachorros, esconde as caças etc. Os caçadores costumam deixar fumo mastigado, à beira da estrada, para a *caipora*, cuja forma é descrita por eles sob feição feminina.)

O politeísmo do índio brasileiro não seria uma aberração cultural de origem americana, porquanto se encontra a variedade de deuses em povos muito primitivos. O politeísmo grego, como outros tipos de politeísmo, caminharam naturalmente para o monoteísmo. O advento do cristianismo irradiou largamente a noção de um Deus único.

O índio brasileiro tinha, no fundo, a crença na imortalidade, na sobrevivência da alma, mas a sua tendência religiosa não podia escapar, é claro, à superstição dos deuses, dos espíritos protetores da caça e da pesca, bases de sua vida social e econômica. Mas o que é preciso ressaltar é que o índio não era destituído de idéia religiosa. Neste particular - observa Couto de Magalhães - *"era mister acreditar que nem tinham idéia de Deus"*. O índio foi muito caluniado.

Diz Couto de Magalhães: *"Para poder matar os índios como se mata uma fera bravia, poder tomar-lhes impunemente as mulheres, roubar-lhes os filhos, criá-los para a escravidão, e não ter para com eles lei alguma de moral e nem lhes reconhecer direitos, era mister acreditar que nem tinham idéia de Deus nem sentimentos morais ou de família. A história fará algum dia plena justiça a essas asserções."*

Adianta Couto de Magalhães: *"Por outro lado, os padres jesuítas antigos, que com o serem grandes homens, nem porisso deixavam de ser homens, participaram em grande parte dos defeitos de seus contemporâneos. Naquele tempo, a crença no espírito maligno era tão grande, que satanás representava na vida humana um papel quase tão importante como o do próprio Deus."* (7)

O africano, por sua vez, não trouxe unidade cultural. Os dois grupos que, segundo o professor Artur Ramos, preponde -

(7) *O Selvagem*, Couto de Magalhães.

ram na influência do elemento negro são os *sudaneses* e os *bantus*. E estes apresentavam, quando chegaram ao Brasil, diferenças consideráveis. As procedências sudaneza e bantu foram apuradas depois de rigorosos estudos, tendo tratado do assunto, com especial desvelo, além dos naturalistas Spix e Martius, citados pelo douto professor Artur Ramos, o historiador baiano Braz do Amaral, em *Fatos da Vida do Brasil*. No Brasil, portanto, para usar uma expressão moderna, o "caldo de cultura" é muito variado. Nele entraram contribuições diversas, determinando a impossibilidade de se manter, com sua feição original, qualquer das religiões implantadas no país.

Afirma, a propósito, o Professor Artur Ramos, considerado atualmente uma das maiores autoridades na matéria, que não existe religião em estado puro (*O Negro Brasileiro*, edição de 1934). A bibliografia deste acatado etnólogo brasileiro vem aumentando muito, nestes últimos anos.

O *africanismo* perdeu há longo tempo, no Brasil, seus traços primitivos. Formou-se no país uma cultura de fusão, disto resultando o sincretismo religioso: um pouco de *catolicismo*, um pouco de *africanismo* e um pouco de *espiritismo* deturpado pelo misticismo popular.

A propensão religiosa do povo muito concorreu para o amálgama das práticas espíritas com o ritualismo afro-católico. Nos *candomblés* da Bahia, como nas *macumbas* do Rio, por exemplo, não há mais *africanismo* puro, e, sim, "mistura" de elementos tomados ao *catolicismo* e ao *espiritismo*. Mas é indispensável acentuar que o *espiritismo* (nome privativo da escola de Allan Kardec) encontrou no Brasil um ambiente propício ao sincretismo, porque já existiam no país, muito antes do século passado, os fatores de fusão cultural a que nos referimos. O fato de o culto afro-católico haver tentado absorver o *espiritismo* não significa, todavia, que haja relação entre a prática *espírita* e as cerimônias peculiares às religiões fetichistas, muito diluídas, presentemente, nos fundamentos de sua organização original.

Em *Costumes Africanos no Brasil*, livro muito interessante, sobretudo por seu caráter instrutivo, diz Manuel Querino que "o africanismo é espírita de natureza e, como tal, provoca invocações". O professor Artur Ramos, que prefaciou e anotou o trabalho de Manuel Querino, corrige este ponto, esclarecendo: "É uma afirmação que não pode ser generalizada. As práticas espíritas negro-brasileiras foram resultantes de um sincretismo secundário."

O africano, como o índio, era imortalista, acreditava na sobrevivência da alma. E ainda hoje estamos vendo, através das diversas formas de culto afro-católico, a tradição africana afirmando tal crença. Não há, porém, o que o eminente professor Arthur Ramos denomina *práticas espíritas* no sincretismo afro-católico ou afro-brasileiro, porquanto a prática *espírita* não tem características que possam pelo menos dar idéia de semelhança com os rituais de origem africana. Podemos dizer, entretanto, que a idéia religiosa é inata no africano. Mas a sua idéia religiosa se exterioriza sob formas de cultos bem variados.

Até agora, o que foi estudado neste terreno se refere ao "animismo fetichista", ao mediunismo propriamente dito. Nas macumbas, nos *terreiros*, nas cerimônias de *Oxalá*, *Ogum* etc., registrou-se simplesmente o animismo, o fenômeno psíquico, sem que as pesquisas induzam a concluir que as práticas africanas, de que deriva a linha de "umbanda", sejam *espiritismo* grosseiro. Espiritismo é espiritismo, como africanismo é africanismo. São assuntos diferentes.

O animismo é capítulo do *espiritismo*; e, pelo fato de se ter verificado a existência do fenômeno de animismo nos *terreiros*, não se infere que *africanismo* seja *espiritismo*.

Futuramente, através das pesquisas sociológicas e folclóricas, já muito adiantadas no Brasil, cairá a dúvida por si mesma, ficando cada assunto em seu lugar: o *africanismo* será estudado à luz de seus elementos de cultura, muito mesclados, atualmente, e o *espiritismo* será estudado como ciência, em

face de seus princípios próprios, na seara filosófica em que se situa a sua doutrina.

Os estudos de *africanologia* no Brasil são relativamente novos. Graças ao grande esforço do professor Artur Ramos, que não tem feito trabalho exclusivamente de compilação, mas, pelo contrário, tem procurado tomar contacto com as fontes gerais, já se conhece muita coisa em matéria de cultura africana. Até então, pouco havia de profundo neste sentido. O ilustre cientista, a quem o Brasil já deve tão assinalados serviços, além de uma criteriosa e nobre campanha contra o absurdo preconceito da inferioridade do elemento negro, estudou o fenómeno psíquico, o mediunismo, o transe mediúnico, aspectos comuns ao *espiritismo* e ao *africanismo*. Mas a doutrina espírita vai além desses pontos de orientação. O espiritismo comporta estudo à parte.

O campo ainda está pouco explorado. Quem iniciou pesquisas científicas no terreno das religiões africanas no Brasil foi Nina Rodrigues, cujo nome é uma glória de que o Brasil se ufana. Começou, o saudoso mestre, na Bahia, onde regia a cátedra de medicina legal. Natural do Maranhão, mas educado na Bahia, Nina Rodrigues encontrou elementos valiosos para seus notáveis trabalhos. Seu infatigável continuador, Artur Ramos, trouxe contribuições novas. E o assunto, como se vê, não está esgotado. Caminhamos para a elucidação de um ponto importante: *africanismo* não é *espiritismo*.

CAPÍTULO II

Nosso objetivo, que está bem claro, é apenas fazer distinção entre espiritismo e africanismo, sem outro intuito que não o de esclarecer e separar, à luz dos próprios elementos de estudo, dois campos de pesquisa bem definidos. O africanismo, com todas as suas seitas e cultos, deve ser estudado à parte, assim como o espiritismo, porque não há entre um e outro afinidade de cultura nem relação histórica.

As práticas afro-católicas, como vimos no capítulo anterior datam de época muitíssimo remota e são de origem heterogênea, ao passo que a escola de Allan Kardec é de origem européia e obedece a inteligente unidade de princípios. Não há, portanto, semelhança com as práticas do culto africano, em cuja mesclagem entraram elementos diferentes, notando-se especialmente o muçulmano. Formou-se, assim, uma expressão religiosa muito complexa.

Depois de 1850, quando se extinguiu o tráfico africano, a escravidão ainda continuou, no Brasil, até 1883. Naturalmente, com a extinção da escravatura, o elemento africano começou a aderir, com relativa facilidade, aos hábitos da terra, às nossas inclinações culturais por força da convivência com a civilização branca. Incorporando-se à sociedade como elemento livre, o africano, apesar desta circunstância, não abriu mão de suas heranças religiosas, ligadas, através de séculos e séculos, ao acervo de sua *psique*.

Embora diluídas, mescladas com o catolicismo, não perderam, as práticas religiosas de origem africana, as suas linhas gerais, conquanto se encontrem, desde muito tempo, sensivelmente prejudicadas na originalidade, em virtude das influên-

cias que nelas se fizeram sentir. Estas considerações, de ordem geral e à guisa de introdução, pretendem simplesmente recapitular os argumentos apresentados anteriormente.

Façamos confronto. O culto afro-católico tem ritual, e ritual muito variado: adora símbolos e imagens, venera divindades. O espiritismo não tem ritual nem imagens, assim como não rende culto a divindades, visto que as suas práticas são simples, absolutamente simples, tendo a preocupação exclusiva de melhorar as condições espirituais da criatura humana e solidificar no espírito de seus adeptos a crença em Deus, baseada em princípios morais e filosóficos.

Não se discute que o objetivo do culto afro-católico, com todos os seus elementos religiosos e culturais, seja ou não o bem; mas o que se acentua é que o espiritismo não se identifica nem se confunde com o africanismo. A prática deste último obedece a prescrições ritualísticas, enquanto a prática espírita dispensa e rejeita qualquer fórmula sacramental, qualquer objeto de culto etc.

O pensamento da doutrina espírita, a respeito de símbolos, fórmulas, etc, está bem definido pelo próprio codificador do espiritismo: "*Muitas pessoas certamente prefeririam outra receita mais fácil para repelirem os maus espíritos: por exemplo, algumas palavras que se proferissem, ou alguns sinais que se fizessem, o que seria mais simples do que corrigir-se alguém de seus defeitos. Sentimos muito; porém, nenhum meio eficaz conhecemos de vencer-se um inimigo, senão o fazer-se mais forte que ele. Temos, pois, que nos persuadir de que não há, para alcançarmos aquele resultado, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer.*" (destacamos, na transcrição, as últimas palavras.)

Lê-se, mais, este ensino: "*Em resumo: a prece fervorosa e os esforços sérios que a criatura faça por melhorar-se, constituem os **únicos** meios dela afastar os maus espíritos...*" (8)

(8) *Obras Póstumas*, Allan Kardec, 1ª Parte, item 58.

Reforcemos a citação, acrescentando novamente a opinião de Allan Kardec: *"A magia com seus sinais, fórmulas e práticas cabalísticas, era increpada de fornecer segredos para operar prodígios, constranger espíritos a ficarem às ordens dos homens e satisfazerem-lhes os desejos. Hoje sabemos que os espíritos são as almas dos mortos, e não os evocamos senão para receber conselhos dos bons, moralizar os maus e continuar relações com seres que nos são caros"*. (9)

Afirma, ainda, Allan Kardec, no mesmo capítulo, nº 11 que *"Os princípios do espiritismo não têm relação alguma com os da magia."*

O espiritismo, como se sabe, desaprova inteiramente o uso de exorcismos, talismãs ou "palavras sacramentais", enquanto os *terreiros* fetichistas fazem dessas práticas o fundamento de suas cerimônias. Vê-se, portanto, que a diferença não se verifica unicamente quanto ao aspecto histórico, já referido, mas, também, quanto à forma, pois não há concordância alguma entre as práticas de mediunismo exercitadas nos terreiros e a verdadeira prática espírita. Agora mesmo acaba de ser publicado, no Rio de Janeiro, um livro intitulado *Trabalhos de Umbanda ou Magia Prática*, de autoria do sr. Lourenço Braga, adepto do culto umbandista e autor de outros trabalhos da mesma natureza. Nesse livro, por exemplo, há elementos suficientes para demonstração da tese: umbandismo não é espiritismo.

Vejamos: no capítulo em que trata da organização dos terreiros, diz o livro do sr. Lourenço Braga que *"O terreiro deve ficar separado da assistência por uma cerca divisória, tendo entrada ou abertura de 1,5 m para entrada e saída de sócios"*.

Verifiquemos, neste pequeno trecho, como é flagrante, como é palmar, como é racional a ausência de qualquer seme-

(9) *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec, 1ª Parte, Cap. X, nº 9, 15ª edição brasileira - 1946.

lhança entre espiritismo e umbandismo: "O altar deve ter a imagem do padroeiro em tamanho maior que as outras imagens, para se destacar melhor, ou então, unicamente o padroeiro. Os médiuns e cambonos devem trabalhar de branco e calçados de sapatos de tênis, ou descalços. Ao lado esquerdo do peito da camisa ou guarda-pó, deverá ser bordado em azul, verde ou roxo, o "ponto" simbólico do padroeiro e, ao lado direito, o nome de batismo do médium ou cambono." As sessões espíritas, orientadas segundo as regras estabelecidas pela codificação kardeciana, não têm altar, não se realizam sob qualquer feição espetacular.

Confronte-se, então, a simplicidade de uma sessão espírita com o ritual de uma sessão de umbanda, segundo os próprios adeptos deste culto. Aqui está um exemplo. No capítulo em que trata de abertura e encerramento de sessões, ensina o livro citado: "*Em um canto da entrada principal da casa deverá ser feita a 'tranqueira' (ponto de segurança dos trabalhos) da seguinte forma: riscar com 'pemba' branca um ponto de Ogum, cruzado com Exú e Ganga e, por trás desse ponto, riscar um signo de Salomão e sobre ele colocar um copo de água salgada com sal grosso. Em seguida, cantar os 'pontos' de Ogum, Exú e Oxalá, salvando com marafo (parati) pedindo-lhes que protejam os trabalhos contra qualquer carga fluídica que venha a ser projetada por alguém, ou contra a falange de espíritos perturbadores; porém tal trabalho não deve ser feito por uma só pessoa, mas por duas, pelo menos*" (sic).

Diante dessa complicada mistura de elementos afro-católicos, sem nenhuma relação com o espiritismo, não há razão para se confundir a prática espírita com qualquer das práticas de umbanda, que é um dos ramos do africanismo, e por sinal o mais popular no Rio.

A fusão não é exclusivamente religiosa, mas também lingüística. A nomenclatura do culto umbandista apresenta variedade de procedências, o que prova, ainda mais, a acentuada mesclagem das práticas afro-católicas. O elemento africano, que já veio para o Brasil muito dividido em seus grupos étni-

cos, transplantou para este país tanto a influência cultural como o contingente de sua contribuição lingüística. O cruzamento, portanto, foi completo: religião, cultura e língua.

No português falado no Brasil, principalmente em matéria culinária, já se acham incluídos inúmeros termos de origem africana.

Temos *tutu*, *quitute* (este, de origem "iorubá", da Guiné, possivelmente), *quibebe*, *mungunzá* ou *muncunzá*, como se chama na Bahia etc. etc. Muitos hibridismos se formaram com elementos africanos. A língua portuguesa recebeu, justamente por influência do cruzamento com o africano, uma série numerosa de termos e raízes, tendo-se deturpado muitos deles pelo uso popular. Daí se encontrar na terminologia umbandista verdadeiro "arranjo" de nomes tomados a diferentes origens.

Os ramos *ioruba* e *sudanês* forneceram à língua portuguesa muitos nomes de "gênios", "divindades", objetos de culto, etc, criteriosamente anotados pelo professor Jacques Raimundo, como, por exemplo, *Babalaô*, *Exú*, *Xangô*, *Ogungun*, *Ojá*, *Olorum*, *lemanjá*. (10)

Até nas relações lingüísticas se reconhece a filiação do umbandismo, como de todas as formas de fetichismo existentes no Brasil, à fonte do africanismo, grandemente ramificado e, desde longos anos, entrosado com o catolicismo.

É verdade que não foi apenas do tráfico africano que nos veio infiltração lingüística. Grande, como é notório, é a influência do *Tupi* na língua portuguesa, cujo vocabulário já pode alinhar numerosos termos oriundos do idioma nativo. Esse fenômeno lingüístico nada tem de estranhável, porquanto o cruzamento sempre teve consequências na formação e no enriquecimento das línguas.

O elemento árabe, cuja irradiação no mundo antigo se estendeu consideravelmente, levou grande contingente de ter-

(10) O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa, Jacques Raimundo.

mos e raízes tanto ao espanhol como ao português. O exemplo do francês, língua de significação internacional, é bem característico: os elementos céltico, latino e germânico tiveram preponderância em sua formação.

As migrações também foram e continuam sendo veículos de infiltrações lingüísticas. O africano, através de seus ramos já bem diferenciados linguisticamente, transmitiu à língua portuguesa apreciável contribuição. A terminologia religiosa do africanismo misturou-se com termos próprios do culto católico. O africanismo procura aproximar-se mais do catolicismo do que do espiritismo. Mais uma razão, e muito forte, para não se confundir umbandismo e espiritismo, nem qualquer outra prática de origem fetichista. Temos, por exemplo, nas práticas da *Linha de Umbanda*, muitos termos peculiares ao catolicismo: "padroeiro", "batismo", "altar" etc. Verifica-se, portanto, a começar pela preferência de termos inerentes aos atos da liturgia católica, que o culto fetichista se inclina francamente para o catolicismo e não para o espiritismo. Tal equivalência foi notada há muito tempo pelo insigne antropologista Nina Rodrigues quando observou uma das mais conhecidas tradições católicas da Bahia: a lavagem da Igreja do Bonfim. Escreve Nina Rodrigues: "*A lavagem da Igreja do Bonfim é, como demonstrei, uma prática religiosa yorubana ou nagô, mas o verdadeiro culto vivo, pois para os africanos negros, creoulos e mestiços daquela seita, o Senhor do Bonfim é o próprio 'Obatalá'.*"

Os cultos africanos confundem-se, cada vez mais, com as cerimônias do catolicismo. Nos *terreiros* há muita coisa da Igreja Católica. O africanismo fundiu-se, amalgamou-se com o catolicismo, naturalmente pela semelhança, pela aproximação dos respectivos cultos. O fato de haver pessoas propensas a transformarem tais práticas, procurando adaptá-las ao espiritismo, não justifica, todavia, qualquer confusão a respeito. Existe, simplesmente, a manifestação de espírito no africanismo, como no espiritismo, no catolicismo etc., mas o espiritismo não tem pontos de concordância com nenhuma das ramificações do africanismo.

Os nomes privativos do culto fetichista, hoje bastante modificado, mostram por si mesmos, que não há traços de união entre as práticas espíritas e as cerimônias daquele culto. Na *Linha de Umbanda*, que é, como já dissemos, a mais vulgarizada, principalmente no Rio de Janeiro, embora sem as características originais, porque já se modificou, em grande parte, pôr influência do catolicismo, o templo é *terreiro*; o médium é *cavalo*; o *marafó* (bebida que se chama "cachaça", na Bahia) faz parte das cerimônias, e assim por diante. Há diferenças regionais, tanto no culto, como na própria nomenclatura. Diz-se *candomblé* na Bahia, ao passo que no Rio de Janeiro, as cerimônias fetichistas, com tambores, "pontos" cantados, linhas cruzadas no chão, etc, são chamadas de *macumbas*.

Não se contesta que haja sentimento de caridade em tais cerimônias, mas o que se deve considerar é que não existe ligação alguma entre africanismo e espiritismo. Ainda há pouco, tivemos um exemplo típico. Tendo ocorrido, na Capital baiana, a desencarnação de um velho "pai de santo", aliás muito popular, realizou-se a singular cerimônia da *"troca de cabeças"* por ocasião do enterro. De onde vem tão curiosa cerimônia, senão do africanismo? Tem o espiritismo, porventura, alguma cerimônia para enterrar os seus defuntos? Não. Logo, não há paralelo entre os atos espíritas, todos eles naturais, simples e espontâneos, com os atos religiosos do africanismo.

O jornal *A Tarde*, de Salvador, Bahia, noticiando o enterro do "pai de santo", Manuel Bernardino da Paixão, em sua edição de 18 de abril de 1947, descreveu a cerimônia do seguinte modo:

"O esquife, armado na sala da frente, repousava sobre um estrado. O corpo estava todo recoberto de flores, emergindo apenas o rosto regular, escuro, amarelecido pela morte. Círios imensos ladeavam o caixão perto do qual havia água benta, com a qual os visitantes salpicavam o cadáver.

Para o interior, várias dezenas de pessoas se comprimiam.

Todos os espelhos da casa estavam cobertos com pano branco.

Quando um 'pai de santo' se transfere para o outro mundo, deixa o seu substituto legal, o discípulo mais capaz e mais querido. Logo à morte, o sucessor, antes do sepultamento do 'mestre', submete-se à cerimônia conhecida por 'troca de cabeças'. Em consequência desse ato, o novo 'babalaô' fica revestido das prerrogativas do primeiro.

Justamente para ser processada essa cerimônia, atrasou-se o enterro de Bernardino. O seu substituto, 'Paizinho', mais conhecido por 'Bandanguami', reside no Rio. Agora, por força do culto, tem que se transferir para a Bahia, onde assumirá as funções de Bernardino. Avisado pelo telégrafo, Paizinho prometeu vir a tempo de se submeter à cerimônia da 'troca de cabeças'. Por isso uma delegação de 'filhos', montou guarda em Jpitanga, esperando a chegada do seu 'novo pai', para conduzi-lo diretamente para o cemitério das Quintas, onde ainda puderam efetuar a solenidade. Também se aguardava a chegada de Ciliai, da Vila América, no caminho do Rio Vermelho de Baixo. Ciliai estava na zona do sudoeste, quando recebeu a notícia e prontificou-se a chegar antes do enterramento de Bernardino. Por isso é que o enterramento do chefe do Oxalá foi retardado até cerca das 11 horas".

O caixão – diz ainda o jornal – "seria depositado nas palmas das mãos e o trajeto seria feito em forma de zig-zag, ao som de hinos próprios".

Tudo demonstra, como aí está descrito o enterro, que o Africanismo tem culto próprio. Nos terreiros, o que se verifica, não de hoje, mas desde muito tempo, é combinação de práticas fetichistas e católicas. A credence popular, entretanto, pretende introduzir o africanismo no espiritismo, tanto assim que já se observa em determinados centros alguma inclinação bem visível para o ritual de umbanda. Trata-se de herança cultural favorecida pelo sincretismo religioso. A própria divulgação do espiritismo por processos inteligentes contribui para destruir, por evolução, os remanescentes da influência afro-católica.

O espiritismo encontrou, no Brasil, a preponderância do africanismo e do catolicismo, com um fator absolutamente favorável: o baixo nível intelectual das massas, educadas na superstição e sob o influxo da religião católica, que lhe imprimiu o apego aos ídolos, aos símbolos etc. Difícil tem sido ao espiritismo reagir contra a propensão de grande parte de seus simpatizantes para o culto fetichista. Daí muita gente, que desconhece o assunto, que não sabe o que é espiritismo, dizer que espiritismo e africanismo são sinônimos... Eis um erro que precisa ser desfeito. Umbandismo, ou qualquer outra forma de africanismo, não constitui modalidade do espiritismo.

Não foi exclusivamente no Brasil que se deu essa mistura, fruto do encontro de religiões. Ela teve expansão, e muito grande, em vários outros países, suscitando estudos consideráveis, como, entre outros, os que foram realizados pelo notável folclorista americano Fernando Ortiz, de Cuba.

A fusão de elementos absolutamente sem ligação histórica ou social, às vezes unidos por fatores políticos ou simplesmente econômicos, produz mesclagem muito forte, tornando-se difícil depois de certo tempo, qualquer pesquisa para determinar qual a maior dosagem cultural na formação de alguns povos. Um exemplo típico é o das Filipinas, cuja formação é muito complexa. Mouros, malaios e espanhóis ali se agruparam, formando o "labirinto" que os padres Murilo Valarde e Juan Ferrando estudaram pacientemente. Entre os "negritos" das Filipinas, os estudiosos notaram o uso de *tatuagem*, tal como entre os índios paraguaios, na época da catequese. A infiltração cultural, já "misturada", igualmente se faz sentir em Cuba e no Haiti.

No Brasil, porém, a ligação do catolicismo com as práticas fetichistas não teve por característica principal e exclusiva a *tatuagem*, com que se distinguiam diferentes divisões étnicas da América Central. Praticou-se mais o *exorcismo*, no Brasil, para expulsar "demônios" ou maus espíritos. A prática já era conhecida dos jesuítas, que a utilizaram também nas Missões do Prata.

Os índios *guaicurús*, do Paraguai, catequizados pelos missionários jesuítas, usavam *tatuagem*, segundo depoimento do padre Carlos Techuer S.J.: "*Pintavam o corpo e usavam tatuagem, tanto os homens como as mulheres, porém as esposas dos tuxavas a restringiam aos braços, deixando a do rosto às subalternas escravas*" (11). Ora, no culto umbandista ainda se encontra o *exorcismo*, que é, sem dúvida alguma, herança das primitivas práticas da catequese, assim como se observam em certos "pais de santo" evidentes sinais de tatuagem nos braços. Está patente, portanto, que as religiões de origem africana aderiram, tanto no Brasil como em vários outros países da América, às práticas do catolicismo e do culto aborígine, muito antes de se conhecer a palavra *espiritismo*.

A expansão da doutrina espírita, a partir do século passado, isto é, de 1857, encontrou o cruzamento, o consórcio cultural já formado. Apesar da existência, cada vez mais generalizada, do sincretismo (africanismo, catolicismo e mediunismo) não se pode negar o contingente cultural do elemento africano, cuja psicologia ainda está a solicitar estudos especiais e bem demorados. A cultura de origem africana é um vasto campo de estudo, como pondera o professor Artur Ramos: "*No investigar as influências que o negro africano exerceu no Novo Mundo, temos de considerar os tipos negros, não com as suas características biológicas (isso pouco importa ao nosso ponto de vista), mas como representantes de culturas que foram transportadas de suas áreas naturais para outros povos e outras culturas, onde se puseram em contato.*" (12)

* * *

Vamos admitir que se encare o assunto sob o ponto de vista científico, com exclusão da parte religiosa. Ainda assim,

(11) *Vida e Obra do Padre Roque Gonzalez*, publicação feita pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1926.

(12) *As Culturas Negras no Novo Mundo*, Artur Ramos.

está patente que nenhuma semelhança existe entre *africanismo* e *espiritismo*, embora se registrem, tanto nas sessões espíritas, como nos *terreiros* afro-católicos, indiscutíveis fenômenos anímicos e extraterrenos, comuns a quaisquer trabalhos de natureza psíquico-experimental.

Quando se realizou, por iniciativa do sociólogo Gilberto Freire, em 1934, o 1º Congresso Afro-Brasileiro, outra preocupação não presidiu àquele importante empreendimento senão a de examinar criteriosamente a influência africana sob todos os aspectos, no Brasil. Mas não se provocou estudo especial para separar o que é exclusivamente fetichismo, com os elementos afro-católicos que lhe são peculiares, e o que, de fato, é espiritismo. Para muitos estudiosos, folcloristas, sociólogos, etnólogos, todo esse conjunto de práticas primitivas, enxertadas de elementos diversos, pertence ao espiritismo, simplesmente por haver, em tais práticas, fatos que se enquadram no estudo do mediunismo e do animismo. Dá-se, portanto, ao espiritismo, aliás impropriamente, uma designação geral, quando só se pode considerar espiritismo aquilo que corresponde aos princípios de sua doutrina.

Entre os próprios umbandistas há quem reconheça a origem remotíssima da religião de *umbanda*, cuja orientação fundamental, como ficou dito linhas atrás, está muito desfigurada. Mas, como fato histórico, o culto da umbanda deriva do tronco fetichista da África, de onde se espalhou. Lê-se, a propósito, no corpo de uma das teses apresentadas ao 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, reunido no Rio de Janeiro, em 1941, o seguinte: "*Não obstante as divergências por vezes profundas na concepção que da umbanda têm os seus afeiçoados e adeptos, todos são acordes quanto às suas origens africanas.*" (13) A palavra "Espiritismo" está empregada sem cabimento lógico, no título do trabalho. *Umbanda* é ramo do africanismo, como está demonstrado pelo consenso das opiniões

(13) *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda*, Rio, 1942

mais autorizadas. Com a diluição do africanismo puro, suas práticas começaram a apresentar, como ainda apresentam, feição mista de catolicismo primitivo, verificando-se manifestações antiquadas, em determinados casos, o que evidencia a fusão de que a maioria dos autores se tem ocupado.

A transformação do elemento negro é reconhecida, também, por um dos maiores estudiosos dos assuntos brasileiros – Pandiá Calógeras – estadista e homem de grande cultura, que embora não trate do assunto como especialista, fez observação muito acertada: "*A descendência abundantíssima, a princípio, do elemento africano, começou a diminuir pela decadência de sua pureza racial: surgiu uma camada, em aumento crescente e ininterrupto, de mestiços, meio-sangues, quarteirões e ainda menos coloridos. Até hoje não parou a diluição pigmentar*". (14)

O meio brasileiro, por força das condições em que se fundiram os elementos primaciais de sua formação, evidentemente não permitiu que se conservasse a integridade cultural do africano. A desfiguração do culto religioso é um exemplo. O ambiente tornou-se, desde os tempos primitivos, campo aberto ao mediunismo popular, a que muita gente chama, sem propriedade, espiritismo.

Das massas que frequentam sessões mediúnicas e terreiros de umbanda, grande parte, incluindo-se muitos médiuns, trouxe no subconsciente a influência do catolicismo. Daí a inclinação, como que por "hereditariedade psíquica", para as cerimônias fetichistas, porque o ritual, a apresentação das cerimônias e a magia dos símbolos não deixam de constituir ponto de atração para as pessoas que ainda não se emanciparam de sua ancestralidade cultural e da influência do meio ambiente. O fenômeno, entretanto, é de natureza tanto cultural como religiosa. Com a preocupação do estudo, da investigação para buscar a Verdade, é que se deve orientar a pesquisa no terreno histórico, antropológico, e psicológico, para fixar a distinção entre africanismo e espiritismo.

(14) *Formação Histórica do Brasil*, Pandiá Calógeras, 4ª edição, 1945.

CAPÍTULO III

Os cultos de origem africana, como se sabe, são fetichistas. Tendo, porém, a palavra *fétiche*, do francês, tomado sentido popular no Brasil, principalmente na Bahia, onde o uso geral consagrou a forma portuguesa *feitiço*, torna-se indispensável mostrar uma alteração interessante, para clareza do assunto.

Entende-se por fetichismo, segundo a etimologia, o culto dos *fétiches*, isto é, a crença no poder de objetos naturais ou artificiais. Mas a palavra *feitiço* é empregada, entre nós, na acepção vulgar de fazer mal a alguém por meio de objetos de uso, peças de vestuário, pratos de comida etc. A força do uso chegou a criar o verbo *enfeitiçar*, significando justamente transmitir influências maléficas, impregnar alguém de feitiço.

Sinônimo de *feitiço* no vocabulário popular da Bahia, é *urucubaca*, que significa estar com *azar*, estar sob a ação de influências ruins. No linguajar carioca já não se emprega *urucubaca*, porque quando se diz tirar o *peso*, ir à "macumba" para descarregar o *peso*, o que está implícito nesta expressão de gíria é o mesmo que tirar a *urucubaca*, conforme os costumes baianos. São ditos, como se vê, equivalentes.

A literatura moderna arrolou, contra a vontade dos puristas da língua, muitos termos de gíria, incluindo-os na linguagem corrente. Convém notar que, apesar da elasticidade que se deu ao termo *feitiço*, o verbo *enfeitiçar* não é usado na forma reflexiva, dando idéia, portanto, de ação que o indivíduo recebe, de força que vem de fora: ninguém se enfeitiça, mas alguém é enfeitiçado.

Nota-se, pois, que *fétiche* adquiriu feição mais popular no Brasil, adaptando-se, de tal forma ao meio, que seu corres-

pondente em português (*feitiço*) já se desligou, em grande parte, da acepção cultural e religiosa em que deveria ser empregado. Pouca gente diz *feitiço* em alusão à cultura negra ou às formas de culto oriundas da África, mas geralmente no sentido de malefício, de "macumba", "feitiçaria" etc.

Voltou-se, portanto, à designação primitiva de *feiticeiro* com que eram tratados, em sentido pejorativo, os curadores e médiuns, sem escapar o próprio Cristo quando fazia suas curas pela simples imposição das mãos. Mas ainda é preciso distinguir outro ponto: *feiticeiro*, ordinariamente, tal como se diz na Bahia, que foi um dos centros de concentração da cultura africana, não é, a rigor, o que cura, o que faz o bem, e sim, o indivíduo que *trabalha* para o mal, desfazendo amizades, destruindo lares, desorganizando a situação econômica de alguém ou *arranjando* doenças que, às vezes produzem a *morte*, segundo a crença comum. Diante deste fenômeno linguístico, que determina a alteração do verdadeiro significado de certas palavras, temos que considerar, contra as próprias razões de ordem etimológica, alguma diferença entre *feitiço*, no sentido popular em que é usado no Brasil, e a palavra que lhe deu origem: *fétiche*.

* * *

A literatura folclórica, que já é abundante, mostra que certos termos perdem, sob a ação do tempo, o seu sentido primitivo, adaptando-se a idéias e coisas que o povo lhes atribui. Em assuntos de cultura negra, por exemplo, poderíamos recorrer ao autor citado anteriormente – prof. Artur Ramos – porque foi ele um dos primeiros a fazer estudos especializados do elemento africano sob o ponto de vista exclusivamente folclórico. (15) A linguagem do povo consegue forçar o sentido de muitas palavras. O que sucede com *feitiço* também se verifica em relação ao emprego de muitas outras palavras que entraram para o acervo do nosso folclore, ligando-se a lendas e supersti-

(15) *O Folclore Negro no Brasil*.

ções seculares, cuidadosamente anotadas por abalizado folclorista brasileiro. (16) Passemos agora, depois destas sumárias explicações sobre feitiço e seus derivados, ao caráter fetichista das religiões africanas introduzidas no Brasil, para que possamos verificar a ausência de qualquer relação entre essas religiões e o espiritismo.

Enganou-se o padre Etienne Brasil quando disse que *'o moderno culto do espiritismo não passa de uma forma do mais genuíno e grotesco fetichismo'*. Neste ponto, até o próprio Artur Ramos, que fez estudos modernos e discordou do padre Etienne Brasil em diversas observações sobre as religiões negras, caiu no mesmo equívoco, naturalmente por não ter elementos para distinguir a prática espírita, segundo o método e a orientação de Allan Kardec, das práticas afro-católicas, cada vez mais espalhadas no Brasil. Afirma, por exemplo, o douto professor Artur Ramos: *"Todas as formas elevadas ou degradadas do espiritismo decorrem da magia evocatória."* (17)

Já foi dito, no primeiro capítulo, que, embora se façam evocações, tanto nas práticas de espiritismo, como nos *terreiros* do culto umbandista, etc., nada tem que ver a doutrina espírita com aquele culto. O espiritismo tem princípios, tem a sua organização doutrinária na codificação de Allan Kardec. As manifestações fetichistas não se circunscrevem ao terreno puramente religioso, porque, em determinados casos, produzem excitação especial. Os estudos de Freud e Binet, que se detiveram muito tempo no aspecto sexual de algumas formas grosseiras de fetichismo, fizeram investigações interessantes, permitindo-nos, hoje, à luz de novos processos de exame, considerar que o *fetichismo* está sujeito, como todos os cultos primitivos, a transformação e evolução, seja por adaptação cultural, seja pela influência de outras correntes.

(16) *Antologia do Folclore Brasileiro*, Câmara Cascudo.

(17) *O Negro Brasileiro*, 1ª edição, pág. 129.

No Brasil, o fetichismo não se diluiu, mas se modificou em diversos aspectos. Muitos estudiosos, entretanto, não vêem um fato importantíssimo: as religiões africanas inclinaram-se para o catolicismo e não para o espiritismo. A organização *yoruba* tem muitos pontos de semelhança com o catolicismo. E já está, por assim dizer, provado que a religião *yorubana* exerceu, notadamente na Bahia, preponderância sobre as outras religiões africanas. A influência da cultura negra se fez sentir de modo mais pronunciado na região nordestina, justamente porque o contingente *yorubano* trouxe recursos culturais evidentemente mais adiantados. É que, na opinião do professor Artur Ramos, "*a cultura yorubana por ser mais adiantada em paralelo com as outras, acabou absorvendo estas últimas e impondo-lhes os seus traços dominantes*". (18)

No sul do país, entretanto, a influência africana entrou por intermédio dos povos do Prata; e nos países platinos não se deu infiltração *yorubana*, visto que ali preponderou a cultura dos *congos*, muito menos desenvolvida do que a dos *yorubás*. Na América do Sul, como na Central, as religiões africanas perderam, aos poucos, suas linhas primitivas, porque se "misturaram" com o catolicismo e com o elemento indígena de alguns países.

Onde, porém, o elemento africano se conservou, por muito tempo, em estado original, foi nas Guianas. Daí o mesmo autor afirmar que "as culturas negras da selva, nas Guianas, permanecerem imunes do contato branco". Mas a cultura mais ativa entre os negros das Guianas não é a *yorubá*, porém, a *Fanti-Ashanti*, procedente da Costa do Ouro, embora nela se verifiquem certos vestígios do ramo *yorubá* e da influência *bantu*. Explica-se, até certo ponto, o estado de isolamento em que se mantiveram os africanos radicados nas Guianas, em virtude da situação especial daquela região, bem como da maior parte do Orenoco, onde seus primitivos habitantes eram astró-

(18) *As Culturas Negras no Novo Mundo*.

latas, constituindo um grupo cultural à parte, ao que se supõe.

A este respeito, informa um dos maiores etnólogos brasileiros e, ao mesmo tempo, um dos mais lúcidos representantes do elemento negro neste país: *"Os povos primitivos da Guiana, os do vale do Orenoco, principalmente, em contato mais direto com os da América Central e com os do planalto andino, de Cundinamarca, isto é, os Chibchas astrólatas de Sogamoso, mui provavelmente refletiam, no que respeita à crença, o culto do Sol de par com esse outro; tão instintivo ao homem, de propiciar ao Gênio do Mal."* (19)

Os trabalhos de Roquete Pinto e Edison Carneiro, principalmente, trouxeram valioso contingente de informações ao estudo das culturas primitivas do Brasil, sem que, todavia, se deva esquecer o nome de Manuel Querino, porque foi este último, homem de cor, muito inteligente, quem provocou, pelas importantes pesquisas que realizou na Bahia, as grandes contribuições que dali se irradiaram, através do inolvidável Nina Rodrigues, por todo o país, alargando os estudos do africanismo, até então pouco desenvolvido.

Os estudos do prof. Basílio de Magalhães são, também, de grande utilidade.

* * *

Já vimos, portanto, a ramificação cultural do africanismo e sua aderência ao catolicismo. Nenhuma razão de ordem histórica ou psicológica leva a admitir que haja relação entre espiritismo e africanismo. O fetichismo constitui forma religiosa, tem suas divindades. As religiões de origem africana, como já se disse inicialmente, são fetichistas. O espiritismo não tem relação cultural com o fetichismo. Dai se conclui que não há termo de comparação entre espiritismo e africanismo, em-

(19) *Naturalistas e Viajantes dos Séculos XVIII e XIX*, Teodoro Sampaio.

bora se encontre o mediunismo e não se negue o sentimento de caridade tanto naquele como neste. Mas a mediunidade, assim como a prática do bem, que é a exteriorização dos bons sentimentos da criatura humana, podem ser observados em qualquer organização religiosa. O próprio padre Etienne Brasil, que confundiu o espiritismo com fetichismo, afirma que: *"O fetichismo é uma verdadeira religião com seus dogmas, preceitos e ritos peculiares."* (20) Ora, se o fetichismo é uma verdadeira religião, possuindo "corpo doutrinal", está provado que, não sendo o espiritismo fetichista, não tem relação com nenhuma das ramificações desse culto. Entretanto, são muito acentuados os traços de afinidade entre o catolicismo e o africanismo, tanto que há divindades, cerimonial, sacerdotes, etc, neste e naquele. Basta que consideremos este fato: *"No fetichismo gêge-nagô (investigação, ainda, do professor Artur Ramos) os 'orixás' foram assimilados, um a um, dos santos católicos. 'Orixalá' ou 'Oxalá' identificou-se com o Senhor do Bonfim, na Bahia. Esta equivalência não parece ser motivada pelo fato de ser a Igreja do Senhor do Bonfim edificada no alto de uma colina, na Bahia, da mesma forma que, na África, 'Orixalá' é adorado no topo do monte 'Oké'... A verdadeira razão parece-me consistir em que 'Orixalá', o maior dos santos, para o 'yorubano', se identifica com o Senhor do Bonfim, o santo de maior devoção, o mais milagreiro da Bahia."*

Sendo religião de povos adiantados, o catolicismo teria de exercer influência sobre os africanos.

O jejum de malê, por exemplo, é uma confirmação do que acabamos de dizer, porque essa prática prova que existe correspondência entre o culto africano e o católico. Leiamos Manuel Querino, que estudou, com sinceridade e escrúpulo, a formação religiosa de sua própria ascendência:

"Na semana em que a religião católica celebra a festa

(20) Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 74,1911.

do Espírito Santo, começava o jejum anual do Malê, pela forma seguinte: levantavam-se de madrugada, cozinhavam o inhame e pisavam para comer com efó, bolo de arroz machucado com fubá, com leite e mel de abelha. Durante esse intervalo de tempo o Malê nem água bebia, assim como não absorvia a saliva.

No último dia de jejum realizavam grande festa em casa do maioral da seita, havendo missa. Nenhuma bebida alcoólica era usada nessa festa. No ato de sacrificar o carneiro, introduziam a ponta da faca na areia e sangravam o animal proferindo a palavra "Bi-si-mi-lai".

Conclui Manuel Querino: "Corresponde esta cerimônia ao sacrifício de Isaac".

Até mesmo nas festas populares, vemos a fusão, o sincretismo, tal como nos descreve, ainda, o livro de Manuel Querino, com referência ao rancho da burrinha: "Os ranchos da burrinha e do boi são filhos entremez do momo português com enxertos tirados dos autos pastoris e visível influência totêmica por parte dos índios e negros." (21) Os cultos africanos entraram no Brasil com profundos resquícios de crenças remotíssimas, principalmente do islamismo, o que torna difícil, hoje, fixar com nitidez a parte preponderante desta ou daquela corrente de influência.

Vê-se, finalmente, que as práticas fetichistas, com seus símbolos, suas divindades, seu ritual, etc, se aproximam cada vez mais do catolicismo. Quanto ao espiritismo, porém, não se pode afirmar que haja afinidade deste com o africanismo, por duas razões fundamentais:

- a) o que caracteriza o espiritismo é a ausência de ritual;
- b) tendo por base de sua doutrina as leis naturais, o espiritismo exclui racionalmente a idéia do sobrenatural, do milagre, do poder dos fetiches.

O fetichismo é, como se sabe, o tronco de religiões pri-

(21) *A Bahia de Otrora*.

mitivas, muito desfiguradas, como já foi dito em páginas anteriores, e seus pontos básicos assentam precisamente no sobrenatural, na crença em divindades, tal qual se verifica no catolicismo, cujo fundamento teológico se estriba em crença idêntica, no milagre, etc., variando apenas a terminologia particular de cada religião. O *africanismo*, com todo o conjunto de suas formas religiosas, é remoto, vem de uma fonte de cultura muitíssimo velha, ao passo que o espiritismo, isto é, espiritismo como corpo de doutrina, é posterior àquela cultura.

A evolução social não concorreu, como poderia parecer, de maneira sensível, para a transformação dos cultos africanos no Brasil. Aí estão os exemplos dos *candomblés* ou *xangôs* da Bahia, os *catimbós* de Pernambuco, as *macumbas* do Rio de Janeiro.

É muito conhecida, na Bahia e fora da Bahia, a tradição dos *candomblés* do Cabula, na capital do Estado. Afirma-se que certos políticos de evidência frequentavam, altas horas da noite, as casas de determinados *pais de terreiro*, no Cabula, quando chegava a época de eleições. O professor Artur Ramos, que esteve muito tempo na Bahia, onde formou o lastro de sua cultura científica, cita essa informação popular. (22) De fato, alguns *pais de santo* eram como que oráculos, ao que se atribui a consideração de que gozavam junto a políticos de prestígio.

Convém notar, especialmente por se tratar de um escritor católico, insuspeito, portanto, que Luiz Viana Filho reconhece que o culto católico tem preponderância no sincretismo afro-brasileiro. O autor, que é deputado federal pela Bahia, (23) vai muito adiante, chegando a dizer o seguinte: "*O bântu, de religião pobre de deuses, e cujo sincretismo religioso com o*

(22) Veja-se *O Negro Brasileiro*, Artur Ramos.

(23) Luís Viana Filho (1908-1990) foi deputado federal em sucessivos mandatos de 1945 a 1966 e senador a partir de 1979. Era jornalista e historiador. (Nota do **Pense**)

catolicismo já se processava desde a África com certa intensidade, não tardou em assimilar, integrando-os no seu culto, deuses sudaneses e santos católicos." (24)

Nossa tese, neste trabalho, é justamente esta: o africanismo aproxima-se mais do catolicismo do que do espiritismo. O sincretismo afro-católico nas *macumbas* e *candomblés* é uma prova do que afirmamos. Luiz Viana Filho sustenta que o africanismo começou a se fundir com o catolicismo muito antes do cruzamento realizado em terra brasileira. Podemos acrescentar que certas devoções católicas existentes no Brasil denunciavam a presença do elemento africano, o que confirma a informação de Luiz Viana Filho, isto é, a de que, desde a África, já o africano havia recebido influência do catolicismo.

O prof. Augusto Lins e Silva, catedrático da Faculdade de Medicina do Recife, antigo discípulo de Nina Rodrigues, escreveu, em livro também recente, o seguinte: "*Sabendo-se que o mito sempre foi manifestação do povo primitivo, exploravam os brancos essa face do sentimento do negro, confiando-lhe o culto religioso sob a irrisória majestade dos reis do Congo.*

No Brasil, atenta Nina Rodrigues, Nossa Senhora do Rosário sempre foi uma confraria de negros. E era a podroeira da Monarquia do Congo, nação que dentre as demais, como por exemplo, Angola, Regalo, Moçambique, gozava de certa ascendência (25). Diz, ainda, o mesmo autor: "*A macumba do Rio, o xangô da Bahia e o catimbó de Pernambuco são remanescentes das antigas mesquitas africanas*".

O culto de *S. Jorge*, principalmente no Rio de Janeiro, é um misto de catolicismo e africanismo, assim como o de *Cosme e Damião*.

O espiritismo, que não tem oráculos, que não usa adivi-

(24) *O Negro na Bahia*, Luiz Viana Filho, prefácio de Gilberto Freyre, 1946, pág. 134.

(25) *Atualidade de Nina Rodrigues*, Augusto Lins e Silva, 1945.

nhação, que não tem cerimonial nem imagens, não apresenta semelhança alguma com os velhos cultos do Brasil. O espiritismo tem a prece, mas toda natural; evoca espírito, mas sem ritual, porque não tem culto material, finalmente.

Não tendo culto material, evidentemente, o espiritismo não poderia ter pontos de atração para os cultos de origem africana. Logo, não há equivalência entre a prática do espiritismo e as práticas religiosas do africanismo (conjunto de seitas e formas de culto de procedência africana) visto que o espiritismo repele naturalmente ritual, símbolos etc.

Justamente para definir o espiritismo com precisão, para evitar, sem dúvida, que o espiritismo se confundisse com as seitas e escolas espiritualistas (entre estas a do fetichismo, porque se apoia, também, na imortalidade da alma) teve Allan Kardec a necessidade, bem compreensível, de criar a denominação própria desse corpo de doutrina. Daí o neologismo por ele formado, no século passado, para designar a doutrina espírita: *espiritismo*.

Eis a explicação do codificador desta doutrina, em trabalho publicado no ano de 1866 em *Revue Spirite*, órgão por ele fundado logo depois de haver lançado, em *O Livro dos Espíritos* (1857) as bases do espiritismo: "*Criamos a palavra **espiritismo**, para atender às necessidades da Causa; temos, pois, o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírito.*" (26)

Sustentando o princípio de que o espiritismo, não admitindo o sobrenatural, não pode, por consequência, harmonizar sua doutrina com qualquer religião que apele para soluções teológicas (catolicismo, fetichismo etc.), Allan Kardec já dizia, desde 1864, ao publicar *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: "*O espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos ho-*

(26) *Obras Póstumas*, Allan Kardec, 2ª Parte, item X - Constituição do Espiritismo.

mens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo; ele no-lo mostra não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. (27)

Nada existindo de sobrenatural na concepção do espiritismo relativamente ao mundo espiritual, a prática espírita de modo algum poderia nivelar-se com as práticas do culto fetichista, base das religiões de origem africana. Com o respeito que me merecem todas as crenças, sem deixar de reconhecer que o elemento africano muito contribuiu para a formação do povo brasileiro, dando-lhe acentuada sentimentalidade, não vejo, todavia, semelhança entre espiritismo e africanismo. As práticas de origem africana, largamente ramificadas, são espiritualistas, dignas de respeito como quaisquer outras práticas religiosas, mas não constituem variante das práticas do espiritismo. Encerrando este trabalho, chego à conclusão de que **africanismo não é espiritismo.**

(27) *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Allan Kardec, cap. I, nº 5, 28ª edição, pág. 46.